a r (n.t.) e

curadoria **ALINE DAKA**

artistas da edição

LÍLIAN SANTOS GOMES [convite]

DOROTHEA TANNING [homenagem]

1°

Suplemento de Arte (n.t.) Revista Literária em Tradução n°1
ISSN: 2177-5141

(n.t.) | 1º
SUPLEMENTO DE ARTE
SETEMBRO/2010

CURADORIA
Aline Daka

EDIÇÃO
Gleiton Lentz

EQUIPE
Roger Sulis
Fedra R. Hinojosa

ARTISTAS
Lílian Santos Gomes
Dorothea Tanning

A (n.t.) É LICENCIADA NA CREATIVE COMMONS LICENÇA INTERNACIONAL 3.0
SOB ATRIBUIÇÃO USO NÃO-COMERCIAL DE OBRAS DERIVADAS.

Acervo virtual consultado: para a reprodução das obras de Dorothea Tanning, o site oficial da pintora [www.dorotheatanning.org]; para a reprodução das fotografias de Lílian Santos Gomes, direitos de imagem cedidos pela artista [www.flickr.com/photos/liliansantosgomes/]

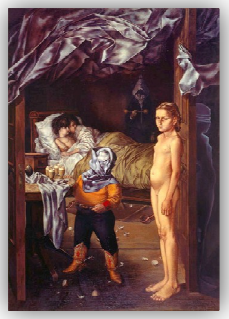
www.notadotradutor.com/galeria
ISSN: 2177-5141

CONVITE

[Lílian Santos Gomes]

Página | 4

HOMENAGEM



[Dorothea Tanning]

Página | 20

(n.t.

Convite

Lílian Santos Gomes
A presença da espiritualidade em meio aos destroços de transição

Aline Daka

"Esta série de fotografias motiva a reflexão sobre a passagem do tempo que desenha e marca lugares."
Lílian S. Gomes

Luz, forma, textura, cor... Em meio ao olhar técnico da fotografia, ou ainda de reflexões sobre registro e memória, e talvez de reiterações sobre a prática documental, podemos nos fazer a pergunta: de onde vem a sensação de que há algo mais a nos solicitar, atingindo incisivamente e despertando de forma inesperada os lugares profundos da nossa sensibilidade e consciência? Uma referência pode ser dada a uma fotógrafa que evoca encontros surpreendentes, pois o grau de envolvimento com as fotografias de Lílian Santos Gomes é provocado de forma espantosa pela própria obra. A fotografia como obra artística, uma arte construída em estado de experiência e criação poética e a partir de conceitos que se abrem como um leque de possibilidades ao demonstrar uma forte sensibilização também àquelas consciências inseridas no eixo das questões contemporâneas.

Inicialmente podemos dizer que o primeiro contato com a obra de Lílian é como um toque inesperado no âmago do desejo e necessidade de espiritualidade que nossa época de rápidas e derradeiras transições possui. Toda mudança pressupõe ganhos, mas também perdas, e é nesta complexidade que nos encontramos, nos perdemos e nos reinventamos. Suas imagens nos atingem diretamente em elementos existenciais e culturais produzindo reflexões, sendo o suficiente que nos apresentemos diante dela em estado cru, tais como somos, e inseridos em nossa própria época. Assim, podemos atingir a "nós mesmos", entrar em xeque, tatear os laços inerentes entre a vida e a morte, a vida e a arte, e descobrir-nos enquanto organismos, coletividade, e logo indivíduos novamente. Descobrir-nos habitantes e joguetes na história do *tempo* e da cultura,

e também como responsáveis pelo *espaço e tempo* do qual existimos. Nas fotografias da série "Decomposição", seremos estimulados ao reconhecimento da perenidade e de novas possibilidades dentro da natureza das coisas, da finitude e da renovação, assim como provocados a sentir a presença de outros tempos marcados em nós como um enigma relacionando identidade e memória.

"Fotografo lugares em demolição, abandonados e em 'Decomposição'. Faço assim uma reflexão sobre o mundo contemporâneo, o qual em constante transitoriedade, caos e reorganização, acaba por privilegiar o esquecimento do passado e abandono do que um dia teve utilidade para a sociedade. Estes lugares ainda não perderam totalmente suas características e estrutura, com isso ficam em um certo 'limbo', aguardando sua demolição, venda ou até mesmo reforma; e apesar da constante deterioração, preservam as marcas deixadas por outras pessoas ou pelo tempo. Busco não apenas o registro desses lugares, mas que essas imagens gerem múltiplas interpretações e reflexões vinculadas à memória e às marcas do que existiu neles", diz a fotógrafa.

Lílian é uma artista contemporânea que aborda em suas fotos conceitos de perda e desejo, de ausência e presença, trabalhando paralelos através da exploração da luz e da sombra, da forma simétrica e da orgânica, dos interiores e exteriores. Ela trabalha a luz como um espectro que age sob o signo da presença e como elemento ativo que revela as sutilezas da matéria sugerindo espiritualidade. São lugares que, por meio de suas fotos, possuem uma eloquência perturbadora, demonstrando em si uma expressividade pessoal que é perspicaz e envolvente.

A artista vai atrás da memória na busca de suas marcas exteriores. Matéria, objeto, lugar. Portas gastas e obscurecidas que desenham e exibem suas formas enquanto escondem e guardam segredos. Tetos que desabam exibindo sua estrutura quase orgânica devido à tamanha vivacidade que as fotografias lhes atribuem. Salas que suam umidade na pele de suas paredes podendo se assemelhar a organismos vivos. Fendas, descolorações e corrosões como ecos de atos e circunstâncias. Interiores inabitados e inóspitos cuja presença humana é evocada como uma lembrança fantasmagórica. Por meio da fotografia, ilumina a escuridão dos lugares onde (ela mesma nos revela!) a morte parece ser apenas aparente, pois ali ainda habitam os restos expressivos de identidades de épocas passadas, de pessoas que estiveram ali um dia e que solicitam atenção sobre o seu tempo. Em outras palavras, outras histórias, análogas e for-

madoras às nossas histórias. As fotografias parecem transmitir parte dessa vivência, em que seres existem quase como fantasmas, sobrevivendo em meio a objetos e detritos. E apesar da ausência da figura humana, esta parece estar por toda parte, ainda interagindo e sofrendo suas consequências.

A artista atenta para a natureza das coisas exaustas, retratadas como habitantes da linha entre a vida e a morte, algo que espera ou desiste de algo enquanto se decompõe. Espaço e tempo. Exteriores corroídos pela inutilidade e desuso, decadência, desabamento, resíduos e detritos. Traços e pinturas do tempo intervindo nas formas e representações do espaço quase de maneira sobrenatural. As fotografias ressaltam as formas puras em escadarias, corredores, janelas, portas e ângulos para elaborar um percurso sugestivo para o olho, criando composições que nos enquadram e intimam frente à memória de toda uma engenharia que comportou um passado que talvez não possamos mais encontrar. Há uma janela que explode expressionista em reflexos e cacos de vidro que parecem rasgar o tempo como um congelamento sensível/estésico. Noutra imagem uma cadeira inteira se projeta importante mesmo como um objeto perdido de sua origem e de seu devir. Alguns elementos em foco são atuantes na representação da realidade, e se sobressaem como num palco de teatro que, abandonado, faz um registro silencioso de todo um desenrolar de histórias ultrapassadas que agora falam por simbologias. Uma árvore que nasce num muro que se demonstra inalcançável, em cuja mesma imagem há outra janela que se preserva como um observatório impossível. Sinais que a artista vai nos oferecendo, conduzindo nossa visão sobre o mundo e as coisas, nos sensibilizando e nos responsabilizando por nossas próprias atitudes. Há uma forte presença do passado e do futuro, paradoxos do tempo que nos assola e dos nossos desejos de preservação. Mais que "capturar" a imagem, fazendo referência a termos específicos da fotografia, Lílian atribui espiritualidade a ela, atentando à delicadeza e à sutileza de cenas corroídas pelo tempo que carregam a memória consigo.

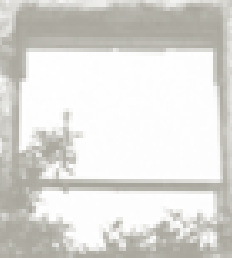
Adentrando o processo por meio de sugestões que a própria fotografia nos oferece, a obra também pode falar da atitude intrépida da artista de fotografar lugares decompostos onde ela mesma se mantém em estado direto de experimento que, por sua vez, é genuíno, e possui uma forte relação provocada pela sua presença, que encara uma realidade perturbadora para transformá-la em linguagem artística no ato mesmo de ex-

periência. Desta forma, Lílian fica totalmente sujeita às suposições que essa "residência" pode gerar. As fotografias demonstram uma coragem abrasadora no caráter das escolhas que habita apaixonadamente todo o seu trabalho. A fotógrafa se permite a um processo de incorporação e identificação com o exterior, passando a integrar as formas à sua expressão e a gerar conceitos para posteriormente construir imagens que possam transmiti-los. Quando ela nos apresenta essas imagens cuja agressividade é latente, podemos nos perguntar como fomos parar lá "dentro" com tanta força? Não são os interiores e exteriores realisticamente degradados que produzem um conjunto de fortes mensagens em nossos sentidos, mas a fotografia deles. A fotografia de Lílian. As imagens são as responsáveis pela introjeção que atribui *espiritualidade* e arte em cenas flamejantes e cruas, capazes de nos proporcionar experiências estéticas e simbólicas singulares.

Atualmente, Lílian vive e trabalha em Porto Alegre.

[Ensaio Visual]

Por Lílian Santos Gomes



Decomposição: Tempo, Lugar e suas Marcas

"Esta série de fotografias motiva a reflexão sobre a passagem do tempo que desenha e marca lugares. Essas marcas denunciam o que existiu e modificou cada lugar, tornando-se parte integrante da história destes. Atualmente a mudança do espaço urbano é cada vez mais veloz, enquanto muitos prédios são construídos é necessária a destruição dos que perderam sua utilidade e estão em abandono, mas antes que isso aconteça, eu os fotografo."

L.S.G.
Julho 2010

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Fotografia, 2007

Sobre a artista convidada:

Lílian Santos Gomes (Porto Alegre, 1984). É fotógrafa e artista plástica. Bacharel em Artes Plásticas pela UFRGS, com ênfase em Fotografia, e Licenciatura em Artes Plásticas, pela mesma instituição. Desenvolve trabalhos de fotografia em diversas áreas.

Exposição Individual:
2010: Lugares em Transição - Paço Municipal de Porto Alegre
2009: Decomposição: Tempo Lugar e suas Marcas - II Espaço T - Tereza Franco na Câmara Municipal de Porto Alegre
2008: Decomposição: Tempo, Lugar e suas Marcas - Museu da UFRGS - Porto Alegre/RS

Exposições Coletivas:
2010: Arte+Artes Ensaios Contemporâneos – Galeria Xico Stockinger CCMQ - Porto Alegre/RS
O Lugar que o Corpo Ocupa Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro Lisboa – Portugal;
2009: Exposição Esphera Miniatura Filo-café – Petín - Galiza Espanha;
Reflexos Contemporâneos A Paisagem e o Objeto Espaço Cultural Chico Lisboa – Travessa dos Venezianos;
Esphera - Galerie Alliance Française - Bienal B; HYSTÉRA - Galeria de Arte do DMAE – Porto Alegre/RS
2008: II Convocatória; Atelier de Arte Plano B Porto Alegre e Fevalle - Novo Hamburgo; Plataforma
2007-2: Projetos de graduação em Artes Plásticas Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – IA/UFRGS;
Recortes Exposição Formandos 2007/2 Artes Visuais do Instituto de Artes UFRGS Galeria Augusto Meyer CCMQ Porto Alegre – RS;
2007: Bienal B – Grupo Grão de Fotografia Intervenção Fotográfica Porto Alegre /RS;
6º vaga-lume: mostra de vídeo experimental do Instituto de Artes UFRGS – Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – IA/UFRGS;
2005: CEUACA 71 Anos - Grupo Grão de Fotografia - 7° andar - Casa de Cultura Mário Quintana – Porto Alegre/RS.

Salões:
2009: 15º Salão UNAMA de Pequenos Formatos - Galeria Graça Landeira – Belém-PA,
V Salão de Artes Plásticas de Suzano Centro de Educação e Cultura Francisco Carlos Moriconi - Suzano-SP

Prêmio:
2008: 18° Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre
- Prêmio Incentivo à Criatividade

Produção Virtual:
Ensaio Visual para a Revista Panorama Crítico:
"Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro": www.panoramacritico.com

Produção Fotográfica em Catálogos:
2008-2009 - Fotografias para os catálogos das Exposições:
- PLATAFORMA 2007/2: Projetos de graduação em Artes Plásticas
- COLAGENS CONTEMPORÂNEAS: cruzamentos (im)puros?
- SINGULARIDADES: Projetos de graduação em Artes Visuais 2008/1
- HEMISFÉRIOS
- ARQUIVOS ABERTOS
- Projetos de graduação em Artes Visuais 2009/1.

(n.t.

Homenagem

Dorothea Tanning
Convite aos mundos metafóricos do corpo e do espírito

Aline Daka

"...seduzir por meio de passagens imperceptíveis,
de uma realidade para outra"
Dorothea Tanning

Torções, fissuras, flutuações, distorções e dobras: do corpo da pintura e das imagens do corpo, do imaginário, da consciência expandida, da realidade vacilante e do sonho... Na pintura de Tanning o espírito é latente, expressivo, tão imprevisto e mutável que parece vivo! Podemos ampliar o sentido das visões delirantes que emergem de sua obra, sem jamais esgotá-las. Eu poderia fazer aqui uma leitura da presença dela no Surrealismo, ou do romance e parceria com Marx Ernest, ou talvez ainda uma coletânea de elementos da sua biografia, da sua arte numa visão generalizada (enquanto pintora e escultora, escritora e poeta, cenógrafa e figurinista...), etc. Mas se estamos homenageando sua pintura, nada mais estimulante do que escolher fazer um percurso, a partir de suas telas, para que entremos num processo de experiência em arte. Uma solicitação para caminharmos entre a vibrante e sensual fusão da poesia com a pintura.

O universo pictórico de Tanning é atraente: entremos por uma de suas portas divisoras de mundos e subitamente seremos surpreendidos por uma atmosfera onde as lacunas ficam abertas, tais como passagens de um sentido a outro ou como cortes que inauguram possibilidades produzindo realidades "impossíveis". Estamos em meio aos artifícios pictóricos de Tanning: é nos elementos visuais por ela usados onde se originam os segredos que deixam nossos sentidos em estado de alerta (estado do qual a própria pintora parece prover e ser experimento quando nos dá pistas de que faz uso de sua vida como referência). Entre as presenças de naturezas obscuras, mas sempre enigmáticas, que ela nos enseja, podemos nos deparar com estranhamentos de todos os tipos. As imagens

nos alternam visões explosivas de universos mentais e emocionais: lugares e figuras que formam narrativas dramáticas e surreais. Tanning nos cria um percurso pictórico giratório, orgânico e intenso em psicologismos. São mundos em movimento que se fundem e se modificam e somente se declaram em parte. São linhas e linhas à beira de realidades entre portas e portas abertas ou batendo à nossa espera. Os acontecimentos são como passagens para outros lugares, incursões pelo estranhamento e pelo familiar, para demonstrar destinos que guardam revelações. Celebrando o imagético pelas fissuras da realidade, a artista desafia a razão do olho que não pode se satisfazer sem que possa dar caminho à imaginação...

A pintura de Tanning é como uma caixa de pandora, se a abrimos, teremos os sentidos deslocados por vendavais de segredos inventados e quiçá remetidos a contos universais, memórias fantásticas e literárias. Cada tela parece ser cuidadosamente elaborada de modo singular, mas sempre construída a partir de elementos simbólicos que permeiam, de uma maneira ou de outra, toda a sua obra. Deslocações, ascensões vertiginosas e quedas. Movimentos: curvas, cortes sobrenaturais e exotismos. A aparição de seres imagéticos e distorcidos que rondam as cenas como fantasmas assombrando as figuras femininas formam narrativas perturbadoras. As mulheres e as meninas interagem com bestas, formas corpóreas e massas sinuosas em movimento num ritmo alucinante. Universo onde todos se originam, flutuam, esvaecem e reaparecem, como que para formar um elo entre si, formando uma mitologia artística peculiar que pode nos dizer também sobre as mutações da pintura relacionadas às da vida, expondo suas naturezas e seus mistérios. A pintora explora um figurativo quase escultórico que se dissolve em imagens abstratas expressivas, ou vice-versa, deixando margem para que o desconhecido se aproveite do duvidoso. Somos constantemente advertidos e entusiasmados pelas figuras quiméricas e corpos esculpidos por uma espécie de essência das sensações aparentes. Somos abordados por formas biomórficas que desafiam a alma das coisas. As explosões de cores em meio a sombras e formas nuas aparecem em pontos inesperados na tela e fazem o olho dançar ansioso por novas descobertas. As cenas compostas compreendem uma narrativa cujas situações se oferecem às circunstâncias como que se perguntando o que poderá vir a acontecer. Estamos no interior das suas insinuações, e agora é como se todo o estranhamento inicial

entrasse em acordo para despertar nossa identificação e conduzir nossos desejos despertados.

Na atmosfera pictórica de Tanning não há leis de gravidade, apenas dimensões, jogos oníricos e poesia podendo gerar e compreender múltiplas e paralelas existências, fazer alusões, explorar níveis profundos de consciência e exercer imagens de visões interiores. As composições podem nos remeter a ficções que esboçam as memórias de infância, ou às fantasmagorias do pensamento, habitantes dos dias a fio, e metaforicamente, ao processo mesmo de criação artística. Assim, Tanning nos oferece uma gama de sentidos que parecem querer habitar o caminho do "entre", do "atravessar", fortemente simbolizado pelas figuras das portas que são frequentes em muitas telas, delimitando e abrindo caminhos. Por meio de sua pintura somos conduzidos a eventos criados para oscilar entre a realidade e a imaginação, em que as coisas nem sempre são conhecidas e de fácil acesso e estão sempre à procura de algo na sujeição do futuro.

Tanning é uma pintora de um imaginário desconcertante, ela atribui qualidade ao movimento, à leveza e ao peso das figurações, bem como às expressões que remetem a um psicologismo que dissolve as regras do cotidiano, do ser, do tempo e do espaço, e os transformam e os transportam ao extraordinário pictórico. Ela nos surpreende com espantoso mistério: sabemos que há mais coisas ali, assombrando nossos passos. Daí que nos surge a consciência da mulher, que é a autora, que ronda a pintura como um desejo, como uma fluidez natural, intensa, corpórea, ainda que muitas vezes indeterminada. A alma de Tanning está em movimento pela pintura assim como todo o resto, se deslocando, habitando, esmaecendo e nascendo novamente.

Atualmente, Dorothea Tanning vive em Nova Iorque, com 100 anos de idade (!), e escreve.

[Mostra Virtual]

Homenagem a Dorothea Tanning

Um Século: do sonho à insônia da pintura

"*...seduzir por meio de passagens imperceptíveis,*

de uma realidade para outra."

Dorothea Tanning

Birthday, 1942
Óleo sobre tela

The Guest Room, 1950-52
Óleo sobre tela

Eine Kleine Nachtmusik, 1943
Óleo sobre tela

The Philosophers, 1952
Óleo sobre tela

Death and the Maiden, 1953
Óleo sobre tela

Notes for an Apocalypse, 1978
Óleo sobre tela

Between Lives, 1989
Giz de cera e guache sobre papel

Insomnies, 1957
Óleo sobre tela

Tango Lives, 1977
Óleo sobre tela

Têmpete en jaune, 1956
Óleo sobre tela

[Dorothea Tanning]
www.dorotheatanning.org

[Lilian Gomes]
www.flickr.com/photos/liliansantosgomes/

(n.t.)

www.notadotradutor.com/galeria